

O CONFLITO NA ALMA

A filosofia e a teologia são essencialmente uma transcrição e uma interpretação da experiência humana, e a experiência humana é de que há um conflito em nossa alma. Para Paulo, tratava-se de uma guerra entre duas forças opostas que chamava de carne e espírito.

Gálatas 5:17

Romanos 7:22-23

Aqui estava, para Paulo, o dilema da situação humana.

Paulo não foi, de modo algum, a primeira pessoa que viu a vida em termos do conflito interno. Os judeus tinham sua doutrina da natureza boa e a má.

No homem, conforme entendiam, havia duas naturezas, de modo que este sempre estava na situação de alguém que é atraído para duas direções ao mesmo tempo. O homem é, no sentido mais literal, confundido, colocado em dúvida.

É como se ficassem ao lado dele dois anjos: um anjo bom, acenando-lhe para que suba, e o outro, um anjo mau, atraindo-o para baixo.

Esta natureza ou impulso mau é tão básico à humanidade, que alguns rabinos acreditavam que o próprio Deus o criara.

Gênesis 8:21

Um rabino interpretou o arrependimento de Deus em **Gn 6.6** no sentido de que Deus realmente se arrependeu de ter "colocado na massa a levedura ruim".

O impulso mau estava espreitando o homem quando emergia do ventre, porque "o pecado jaz à porta," ou seja: à porta do ventre (**Gn 4.7**), e no decurso de toda vida do homem, permanecia "seu inimigo implacável".

O conflito na alma fazia parte da herança da crença judaica.

Aquilo que se podia dizer do pensamento hebraico era igualmente verídico no caso do pensamento grego. Platão descreve a alma como o carroceiro cuja tarefa é dirigir em arreios duplos dois cavalos, um dos quais é "nobre e de raça nobre", e o outro é "o oposto na raça e no caráter". O cavalo nobre é a razão e o cavalo indócil é a paixão; o cavalo de natureza má "sobrecarrega o carro," e o arrasta para a terra. Aqui, também, há o mesmo quadro de guerra e tensão, sempre com a terrível possibilidade da ruína como consequência.

Este conflito no íntimo está presente como um refrão nos escritos dos romanos e dos gregos. "Vejo as coisas melhores, e concordo com elas, mas sigo as piores." "Os homens amam e odeiam os seus vícios ao mesmo tempo".

Para alguns o começo da filosofia tem sua origem na descoberta do homem "da sua própria incapacidade e fraqueza nas coisas necessárias".

Qual, pois, é a razão da existência deste conflito? Onde se acha o poder desta força maligna? A esta pergunta, o mundo antigo respondia de modo unânime dizendo que o poder mau e destruidor reside no corpo do homem.

Aqui, também, temos uma transcrição da experiência humana.

Os homens conheciam muito bem o número de tentações que atacam a pessoa através do seu corpo; os homens sabiam que seria muito mais fácil tornarem-se "bons" se fossem criaturas espiritualizadas, sem corpo.

O pensamento está presente no judaísmo. "Um corpo perecível é um peso para a alma, e esta tenda terrestre é um fardo para a mente pensativa".

O mal do corpo veio a ser uma das ideias dominantes do pensamento hebraico.

O INIMIGO NA ALMA

Há três maneiras que Paulo usa para se referir ao corpo.

1. Ele fala de uma maneira que é perfeitamente neutra, em que significa simplesmente o corpo físico que cada homem possui. Fala dos pagãos que desonram os seus corpos com seus excessos e perversões sexuais (**Rm 1:24**); fala das marcas da perseguição que ele leva no seu próprio corpo (**Gl 6.17**); fala de Abraão, que sabia que a força física do seu corpo era, na prática, morta (**Rm 4.19**). Duas vezes usa o corpo físico e suas partes como símbolo da Igreja como Corpo de Cristo (**Rm 12.4, 5; 1 Co 12.1 2-27**). Nestas passagens refere-se ao corpo simplesmente no sentido físico do termo, e nenhum veredito é subentendido, nem a favor nem contra.
2. Fala do corpo de uma maneira que subentende a imperfeição e perigo dele. Fala do corpo pecaminoso (**Rm 6.6**); do corpo mortal (**Rm 6.12; 8.11**); do corpo que é destinado à morte (**Rm 7.24**); do corpo morto por causa do pecado (**Rm 8.10**). Declara que o corpo deve ser escravizado (**1 Co 9.27**), e que os atos do corpo devem ser mortificados (**Rm 8.13**). Aqui, o corpo é visto como a parte do homem que, em qualquer caso, é destinada à morte e à decadência; e há a implicação de que o corpo é grandemente responsável pelo pecado do homem e de que há coisas ligadas ao corpo que devem ser eliminadas para sempre da vida cristã.
3. Mas a despeito disto, Paulo nunca subentende que o corpo como tal é incurável e que não serve para nada senão para destruição. O corpo pode ser redimido (**Rm 8.23**) e transformado (**Fp 3.21**). O corpo pode ser oferecido como um sacrifício a Deus (**Rm 12.1**), e com ele e nele o homem pode glorificar a Deus (**1 Co 6.20; Fp 1.20**). O corpo pode ser o templo do Espírito Santo, e para o cristão o é (**1 Co 6.19**). Fica bem claro que para Paulo o corpo não é essencialmente mau. Na sua natureza, morrerá. Mas tem potencialidades tremendas para o bem e para o mal, dependendo se é dominado pelo pecado ou dedicado a Deus. Para Paulo, o corpo em si mesmo é bem neutro. A direção que seguirá depende da força que o controla, para o bem ou para o mal.

Mas agora chegamos à uma palavra muito mais difícil, a carne. Esta é uma das palavras características de Paulo, uma das palavras que percorre suas cartas, e especialmente as cartas aos Romanos, aos Gálatas e aos Coríntios. É uma palavra

para a qual não temos uma tradução adequada, uma palavra cujo significado não pode ser definido com nitidez e simplicidade e cujo sentido devemos buscar tateando, mas, mesmo assim, uma palavra que representa certos fatos na situação humana que fazem parte da experiência básica de todos os homens.

Procuremos, portanto, penetrar em seu significado.

Podemos começar com dois fatos fundamentais a respeito dela.

i. Carne é a inimiga mortal do alma. O conflito na alma é exatamente entre a carne, para usar a tradução comum da palavra, e o espírito. "Estes," diz Paulo, "são opostos entre si" (Gl 5.17). Qualquer que seja outra verdade a este respeito, estas duas são as forças opostas dentro da existência humana.

ii. Carne é muito mais do que o corpo. No pensamento de Paulo os pecados da carne incluem muito mais do que os pecados carnis que têm a ver com o corpo. Quando Paulo alista as obras da carne, é certo que começa com a imoralidade, a impureza e a licenciosidade, mas daí passa para a inimizade, as contendas, os ciúmes, a ira e o espírito partidário que não são pecados do corpo, de modo algum. Os pecados da carne no sentido moderno e normal do termo estão longe de serem aqueles que são usados no sentido paulino do termo. Na realidade, é verdade dizer que nem sequer são os pecados principais e mais sérios da carne.

iii. Paulo usa o termo para denotar uma condição física, do corpo. Fala da circuncisão da carne, em comparação com a circuncisão do coração (Rm 2.28). Fala de um espinho na carne, com o que quer dizer uma enfermidade ou doença física (Gl 4.13).

iv. Paulo usa em frases que poderíamos expressar em português assim: "humanamente falando", ou: "do ponto de vista humano". Assim, Jesus descendeu de Davi segundo a carne (Rm 1.3). Abraão é o nosso antepassado segundo a carne (Rm 4.1). Jesus é um judeu segundo a carne (Rm 9.5). Quando carne é usada assim, sempre subentende que o assunto não se esgota aí, que há algo mais a ser dito, que o que é dito é verdadeiro do ponto de vista humano, embora não seja a totalidade da verdade.

v. Paulo usa carne em frases e contextos onde usaríamos uma frase tal como: "julgando por padrões humanos". Não muitos sábios segundo a carne são chamados para fazer parte da Igreja (1 Co 1.26). Paulo, escrevendo aos coríntios, defende-se contra a possível acusação de ter propósitos segundo a carne (2 Co I .17), ou seja: de fazer planos com um homem mundano que está disposto a alterá-los de conformidade com aquilo que a conveniência venha a sugerir. Escreve aos coríntios afirmando que, agora, não conhece a homem algum, nem sequer a Cristo, segundo a carne (2 Co 5.16). Em tais frases, a carne representa o padrão humano, o ponto de vista humano, a avaliação humana.

vi. Paulo usa carne onde o pensamento principal diz respeito à humanidade. Assim, Jesus veio na semelhança da carne pecaminosa (Rm 8.3), onde a ideia é que Cristo tomou sobre Si a nossa humanidade. A língua hebraica sempre preferiria uma

expressão concreta uma expressão abstrata, e, portanto, prefere falar na carne ao invés de humanidade.

vii. Agora chegamos ao uso paulino, único e distintivo, da palavra carne, o conceito que Paulo tem de carne como a inimiga suprema no confito na alma. Vejamos, pois, como Paulo usa a palavra neste sentido especial.

(a) Pode-se dizer que viver na carne é exatamente o inverso de ser um cristão. "Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito" (Rm 8.9,12). É o não-cristão que vive na carne. Paulo pode relembrar o tempo "quando vivíamos segundo a carne" (Rm 7.5; 8.5). O cristão crucificou a carne com suas paixões e desejos (Gl 5.24). Viver na carne é exatamente o inverso de viver no Espírito, em Cristo; é o oposto de ser cristão.

(b) Para expressar o assunto de modo ainda mais amplo, estar na carne é estar sujeito ao pecado (Rm 7.14). Ser dominado pela carne e ser escravo do pecado são a mesma coisa.

(c) A carne é a grande inimiga da vida virtuosa e da vida cristã. É esta carne que torna a lei fraca e enferma (Rm 8.3). Isto quer dizer que a carne é a responsável pela situação humana sempre repetida, em que o homem sabe com perfeita clareza o que deve fazer, mas é totalmente incapaz de fazê-lo. Na carne não habita nada de bom (Rm 7.18). Se entendermos que esta é uma declaração generalizada, é exatamente aqui que vemos a diferença entre o corpo e a carne. O corpo pode tornar-se instrumento do serviço e da glória de Deus; a carne não o pode. O corpo pode ser purificado e até mesmo glorificado; a carne deve ser eliminada e erradicada. É com a carne que o homem serve a lei do pecado (Rm 7.25). É a carne que torna o homem totalmente incapaz de assimilar o ensino que deveria saber receber (1 Co 3.1-3). A carne não pode agradar a Deus (Rm 8.8). Pior do que isso, a carne é essencialmente hostil a Deus (Rm 8.7).

Os ciúmes, as contendas e a amargura são a prova de que o homem ou a comunidade está vivendo na carne (1 Co 3.3).

O que, então, é a carne? Logicamente, a carne não é o corpo.

Fica igualmente claro (se o pensamento de Paulo for consistente) que a carne não é o homem natural, porque ele disse que este homem não-cristão, o homem pagão, não precisa necessariamente ser totalmente mau.

Mesmo em tais condições há ocasiões em que o homem pode fazer por natureza aquilo que a lei requer, porque as exigências da lei estão escritas no seu coração, e porque mesmo em tal condição o homem possui consciência (Rm 2.14, 15).

Mas Paulo de maneira nenhuma ensina que o homem na carne pode agradar a Deus (1 Co 2.14). Falar da carne como a natureza inferior ("os baixos instintos da natureza") não é inteiramente satisfatório. Fazer assim subentende que há no homem uma natureza que é capaz de produzir a bondade, assim como há uma natureza que é fadada ao mal. O problema com semelhante ponto de vista é que a podridão, a despeito de tudo quanto temos dito a respeito do homem natural, perpassa a

natureza humana inteira; toda a estrutura está minada. É importante o fato de que Paulo fala das obras da carne e do fruto do Espírito (Gl 5.19, 22).

Uma obra é algo que o homem produz para si mesmo; um fruto é algo produzido por um poder que ele não possui.

Os homens não podem fabricar um fruto.

Isto quer dizer que o homem pode produzir o mal por si só, com bastante facilidade, e não pode deixar de fazê-lo; a bondade, no entanto, tem que ser produzida para ele por um poder que não é seu.

A essência da carne é a seguinte.

Nenhum exército pode invadir um país pelo mar a não ser que possa obter um local para desembarcar. A tentação não teria a capacidade de afetar os homens, a não ser que houvesse algo já existente no homem que correspondesse à tentação.

O pecado não poderia obter nenhuma cabeça de ponte na mente, coração, alma e vida do homem a não ser que houvesse um inimigo dentro dos portões que estivesse disposto a abrir a porta ao pecado.

A carne é exatamente o local de desembarque através da qual o pecado invade a personalidade humana. A carne é como o inimigo do lado de dentro e que abre o caminho para o inimigo que está forçando a porta.

Mas de onde vem esta local de desembarque?

De onde surge este inimigo do lado de dentro?

É experiência universal da vida que um homem pela sua conduta capacita-se ou não a experimentar certas coisas.

Faz de si mesmo uma pessoa tal que se dispõe ou se indispõe a corresponder a certas experiências.

A carne é aquilo que homem fez de si mesmo em contraste com o homem conforme Deus o fez. 'A carne é o homem de conformidade com aquilo que permitiu que viesse a ser, em contraste com o homem conforme Deus pretendeu que ele fosse.

A carne representa o efeito total do pecado do homem sobre si mesmo e do pecado dos seus pais e de todos os homens que existiram antes dele.

A carne é a natureza humana conforme se tornou através do pecado.

O pecado do homem e o pecado da humanidade, tornou-o, por assim dizer, vulnerável ao pecado. Fê-lo cair mesmo quando sabia que estava caindo, e mesmo quando não queria cair. Fez dele uma pessoa tal que não pode nem evitar o fascínio do pecado nem resistir ao poder do pecado.

A carne é o homem enquanto está separado de Jesus Cristo e Seu Espírito.